

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História
HH 719 - A FIGURA FEMININA NO SÉCULO XIX
Ana Carolina Machado de Souza RA 074763

*“Definir é matar, sugerir é criar”
Stéphane Mallarmé*

A representação de Sapho – Gustave Moreau

Neste trabalho me proponho discorrer sobre a poetisa grega Sapho, analisando uma representação elaborada pelo pintor francês Gustave Moreau, na segunda metade do século XIX, e correlacionando com outras da mesma temática. Não será um excerto biográfico, a intenção primeira é falar sobre a pintura escolhida e inseri-la no contexto pertinente.

A biografia de Sapho é indefinível e muito do que foi dito é considerado lenda ou mito. Isto devido, principalmente, às diversas traduções e interpretações de suas obras, que ressurgiram com maior impacto no século XIX. Em síntese, Sapho foi uma poetisa grega que escreveu sobre o amor e o desejo. Seus poemas sofreram constantes censuras durante séculos, por considerarem o conteúdo desses escritos lascivos e indecorosos. Muitos foram queimados e destruídos no início da Idade Média, devido ao conteúdo considerado subversivo. Por isso a incerteza biográfica, já que qualquer menção a Sapho ou sua obra era considerada perversão. É provável que tenha sido expulsa da cidade onde morava, Mitilene, e vivido na Sicília, contudo tudo o que diz respeito à sua vida não é possível ser comprovado. O mito deveras retratado nas artes é o de sua morte, quando se suicidou se atirando do rochedo de Leucade ao mar, por causa do amor não correspondido de Faonte. A vida e obra de Sapho que temos contato hoje são muito estudadas, também, por pesquisadores sobre gênero e, principalmente, teóricos literários.

O decadentismo, mais do que um estilo artístico e literário, como o foi o simbolismo, foi um estado de espírito, uma filosofia de vida. Os jovens do século XIX estavam enfadados com a profusão das teorias científicas, que pouco deixavam espaço para as explicações metafísicas e subjetivas do mundo e deles próprios. Neste momento surge nova maneira em se pensar esta época de evolução tecnológica e alguns, atormentados pela inquietude e o ceticismo, “criaram” o pensamento simbolista e, por consequência, decadente.

Gustave Moreau foi o pintor aqui escolhido para ser analisado. Definir qual escola e estilo que cada pessoa fez parte é rotular, o que é um trabalho árduo e majoritariamente injusto. Contudo, estas obras que analisarei pertencem ao espírito decadentista que o francês tanto retratou com genialidade. Muitas vezes nomeado de pintor das letras, Moreau conseguiu traduzir em imagens o que os simbolistas e decadentistas escreviam com tanto ardor, um mundo cético, triste e pesaroso. Com pinceladas firmes, uma paleta arrebatadora em certos pontos, uma ornamentação rica, digna de uma influência orientalista que chegou aos franceses, Moreau é considerado um dos grandes expoentes do decadentismo e simbolismo nas artes, assim como Odilon Redon, Paul Gaguin, Edvard Munch, entre outros.



Figura 1 *Sappho no Leucade* - 1871-72

Na obra de Gustave Moreau aqui escolhida para ser analisada observa-se a perícia do pintor em capturar um momento de intenso sofrimento e dor. Sua posição na rocha mostra um sentimento pesaroso, as maneiras como seus braços e pernas estão dispostos me parece querer nos passar a impressão de que ela está completamente desolada. Sappho está entregue a essa dor do abandono, do amor não correspondido que traz o desespero. Todavia este não é incontrolável, no qual a mulher perde completamente a cabeça e a compostura, é a pura e simples dor, tão grande e

insuportável que o *mise en scène* é descartável. Moreau retrata o momento anterior ao suicídio, e me parece ser o lapso de reflexão da personagem, mas não no sentido de reaver sua decisão, pois a dor é demasiadamente forte para que ela consiga permanecer no mesmo espaço que Faonte. Ela me parece refletir sobre sua própria vida e como chegou naquele derradeiro momento.

A ornamentação riquíssima das vestes de Sapho, com essa paleta vermelha, com toques de um azul primoroso e dourados em detalhes. O seu instrumento também muito bem ornamentado, e parece mostrar esse quadro uma influência orientalista de Moreau nesses detalhes. Também se observa adornos nos cabelos e jóias, tanto pulseiras como anéis, todos dourados e com muito requinte retratados. O aprumo das vestes e mesmo do colosso ao fundo da pintura possui toques orientais que trazem ainda mais riqueza a essas ornamentações. Em contraposição à opulência das vestes está o próprio rosto de Sapho, delicado, quase como uma porcelana, um tanto quanto inocente, mas claramente demonstrando a dor já explicitada.

Paleta ocre do por do sol e do ambiente em si retratado faz um contraste com as vestes, jóias, ornamentos, o colosso e a própria face de Sapho. No ramo das interpretações vejo este plano de fundo como o fim, o sofrimento dela está acabando, pois a decisão foi tomada e esse pesar que ela sente se finalizará, assim como o dia acaba com o por do sol.

A chegada de nuvens de tempestade, que neste quadro ainda são tímidas, pode ser comparadas com a próxima representação de Moreau que aqui trago.



Figura 2 A Morte de Sapho

Novamente encontramos uma paleta de cores pendendo para o ocre, o laranja, o amarelo meio dourado e vermelho. Nesta imagem as nuvens tempestuosas estão mais fortes, que para mim pode ter duas interpretações. A primeira é que a sua morte chegou, ela já está prostrada nos rochedos do mar, com essa gaivota em cima, ou seja, as nuvens simbolizam que o fim chegou, ela está morta. Todavia, a outra maneira que vejo essa tempestade, considero até mais poética, é que ela na verdade não está chegando e sim partindo. A paz finalmente chegou para Sapho, que estava completamente atormentada e pesarosa com a rejeição de Faonte. A maneira que ela encontrou para finalmente pacificar seu interior foi o suicídio e, a partir do momento que ela tira sua própria vida, ela se depara com a paz. Seu rosto é pacífico, tranqüilo, onde se encaixaria de maneira exemplar a frase “Descanse em paz”.

Em relação à composição do quadro há a predominância de tons quentes e Sapho está em primeiro plano. A maneira que seu corpo está disposto na pintura não parece natural, não seria como um corpo ficaria após o suicídio de um penhasco. A poetisa parece posar para o espectador, parece apreciar o céu ou o tempo, e não estar morta.

Agora trago duas outras composições de Sapho, uma realizada no início do século XIX e outra quase que contemporânea às de Moreau. Ineri essas figuras para exemplificar em maior grau o estilo deste pintor, diferenciando a partir da comparação com essas duas obras que aqui estão expostas, que pertencem a outras escolas. A primeira foi realizada pelo pintor francês Antoine Gros e a outra por Charles Auguste Mengin.



Figura 3 Antoine Gros, *Sappho em Leucade*, 1801

Nesta figura, de estilo romântico, eu diria que a morte de Sappho é quase etérea. Esta aparência constato a partir de seu rosto e das suas vestes, um vestido fluido e claro, como se fosse uma organza que balança com uma simples brisa. A face é retratada como já entregue, mas não no sentido da Sappho de Moreau, que sofre e está pesarosa até o último tempo. A poetisa de Gros parece estar num momento sublime, o suicídio não a atemoriza e é a solução para seus sentimentos não correspondidos. Todavia, a Sappho de Moreau, antes de se jogar do penhasco, está triste e melancólica, parece refletir sobre todos os infelizes acontecimentos de sua vida e a morte é a única solução para alcançar a paz. Já no quadro acima representado, ela parece estar consternada, sua atitude é mais plausível a alguém pulando pedras no mar, do que se jogando de um penhasco para a morte.

A paleta de cores é menos exuberante do que às de Moreau, já que neste, além do céu primoroso, apostou em ornamentos e vestes bem adornadas e detalhadas, ao contrário de Gros, que fez uma Sappho mais “limpa”, mais simples. O plano de fundo e a paisagem deste quadro possuem uma leve bruma, que traz ainda mais uma impressão etérea para a cena. Uma similaridade com as obras de Moreau é a tempestade nos céus,

pois em ambas as representações estão essas nuvens negras, e, segundo penso, significam o próprio fim de Sapho, que logo estará morta nas bases do rochedo.



Figura 4 Charle-Auguste Mengin, *Sapho* - 1877

Esta pintura se diferencia totalmente daquelas que já foram analisadas. A Sapho de Mengin é sombria, e não apenas pela paleta soturna da imagem, mas, principalmente, pelo seu olhar nebuloso e ameaçador. A poetisa aqui não parece sofrer, nem parece que se atirará do penhasco, mas sim que busca por alguém, seja este quem a abandonou ou não. Essa espécie de harpa que está em sua mão parece mais um instrumento letal, bélico, do que musical. Até a nudez da personagem intimida, pois nem a própria está preocupada com os seios desnudos, ela procura incessantemente por aquele que a fez mal. Ela não é etérea ou decadente ou sofredora, ela possui uma força no olhar, ela é intimidante, quase como uma vampira.

Conclusão

Pretendi aqui explicar em poucas palavras sobre Sapho, essa notável personagem da literatura grega, que por diversas vezes foi retratada em pinturas. Todavia, implicitamente, a escolha de uma mulher e quatro maneiras distintas de representá-la, simboliza, em menos escala, àquelas tantas outras que ao longo dos séculos foram imortalizadas em obras primas. Moreau, Gros e Mengin foram grandes pintores de representações femininas, estas que ainda suscitam discussões e fascínio.

Referências

DEMARCHI, Cristiane. “Sapho, Conteúdo adulto: homoerotismo feminino/voyeurismo masculino” In: *Outros Tempos*. Vol. 7, n. 9, 2010. (Dossiê Estudos de Gênero).

GOMBRICH, E. H. *História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista: textos doutrinários comentados*. São Paulo: Atlas, 1994.

MOLER, Lara Biasoli. *Da palavra ao silêncio: o teatro simbolista de Maurice Maeterlinck*. USP (Tese), 2006.